

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CEDROS – CENTRO DE ESTUDOS, DIVULGAÇÃO E REABILITAÇÃO DA OBRA SANTIANA
10 DE MARÇO DE 2025

MASHQ-E SHAB / 1989 (*Trabalhos de Casa*)

um filme de Abbas Kiarostami

Realização e Montagem: Abbas Kiarostami / **Direcção de Fotografia:** Iraj Safavi / **Música:** Mohammed Reza Aligoli / **Som:** Ahmad Ashgari / **Com:** Abbas Kiarostami e alunos da escola Shahid Massumi.

Produção: Kanun / **Produtor:** Ali Reza Zarrin / **Cópia:** DCP, colorida, falada em persa e legendada eletronicamente em português, 77 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE DEBATE COM TERESA GARCIA , RICARDO LISBOA , MANUELA CRUZ E PAULA SANTOS LOBO.

Os "**Trabalhos de Casa**" continuam a ser um dos mais fascinantes filmes de Abbas Kiarostami. E, na sua aparente simplicidade "documental" (no fundo, uma longa sucessão de entrevistas com miúdos de uma escola), uma brilhante demonstração de um método que tem qualquer coisa de bastante perverso.

Para essa aparência de simplicidade contribui o próprio "tema" do filme, também ele, em aparência, anódino: uma espécie de inquérito (Kiarostami disse que tudo começou como uma "pesquisa pessoal"), onde se pretende apurar, ouvindo os miúdos, como lidam eles e as respectivas famílias com a carga (pelo que se depreende, um tanto pesada) de trabalhos de casa que a escola lhes pede todos os dias. Mas cedo se percebe que este tema é só a "ponta" por onde Kiarostami começa a esgravatar em coisas bastante mais profundas: uma vez puxada, é toda uma série de questões "estruturais", quando não mesmo "totais", que vêm atrás, e que tocam em toda a organização social do Irão (estávamos, nesta altura, em 1989, dez anos depois da revolução islâmica).

Em particular, como parece evidente, salta ao caminho a introdução dos miúdos ao sistema social, às relações de poder (que começam dentro da própria casa, numa hierarquia onde a mãe e o pai podem ter lugar alternado, mas onde, em mais do que um caso, é importante o estatuto do irmão ou da irmã "mais velhos"), e de modo mais abstracto, porque (ainda) quase incompreensível para os miúdos, às noções de autoridade, lei e obediência – e, no limite, uma das coisas mais terríveis de "**Trabalhos de Casa**" é o modo como as crianças se oferecem a esse condicionamento *confundindo o hábito com uma lei* que forçosamente têm que aceitar e a que se submetem apenas "porque sim". O que Kiarostami prescrua, através das declarações dos miúdos, é a existência de uma espécie de *natureza social*, qualquer coisa não-expressa cujo poder é tanto maior quanto

insiste numa dimensão "invisível" e colectivamente interiorizada, regulamentada em silêncio apenas pela força dos comportamentos adquiridos (cf. toda a questão dos "castigos" e das "recompensas").

Num certo sentido, colocando as coisas ao nível dos olhos dos miúdos, "**Trabalhos de Casa**" é, por isso, um filme sobre a aquisição do *medo*. Kiarostami torna isso bastante evidente, exponencia-o até, ao montar em alternância com os planos dos rostos dos miúdos, como se fosse o único contracampo para eles, um plano da objectiva que os está a filmar. Mecanismo de terror: esse olho da câmara, como os miúdos, dir-se-ia, percebem muito bem, não é apenas o simples olho daquela simples câmara; é, muito mais do que isso, o representante do grande Olho que os vigia, que os castiga se tiverem más notas ou não fizerem os trabalhos de casa – é essa coisa sem nome nem rosto mas à qual eles sabem que devem obedecer, é a intuição de um mecanismo de autoridade. Não deixa de ser curioso, nessa perspectiva, que Kiarostami (provavelmente por feliz coincidência) acabe o filme num parálítico reminescente do final dos **400 Coups** de Truffaut, logo a seguir ao miúdo mais assustado de todo o filme ter recitado um poema onde pedia a Deus que lhe enchesse o coração de alegria.

Luís Miguel Oliveira